

Energia fica mais cara e mais poluente

Três eventos ocorridos na semana passada emitiram sinais claros de uma tendência que se consolida no modelo de energia elétrica do país. Primeiro, dois importantes executivos da política de abastecimento foram convergentes com a mesma análise do momento atual. O presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, disse durante um seminário de planejamento econômico-financeiro do setor elétrico, em São Paulo, que "hoje não me preocupo tanto com o suprimento de energia, mas sim tornar a matriz brasileira hídrica, que é uma questão que o Brasil tem uma vocação e tem que voltar a ter".

A declaração de Tolmasquim passou despercebida pela imprensa em geral. Mas na quarta-feira, outro importante líder do setor, o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, juntou as pontas. "Estamos nos encurralando, não fizemos nossa lição de casa há três anos e agora talvez tenhamos que usar unidades que utilizam petróleo, que são caras e poluidoras", afirmou, durante a Enerbio, Feira Internacional de Agroenergia, Biocombustíveis e Energias Renováveis, em Brasília.



"Estamos nos encurralando, não fizemos nossa lição de casa há três anos e agora talvez tenhamos que usar unidades que utilizam petróleo, que são caras e poluidoras"

Jerson Kelman



"hoje não me preocupo tanto com o suprimento de energia, mas sim tornar a matriz brasileira hídrica, que é uma questão que o Brasil tem uma vocação e tem que voltar a ter"

Maurício Tolmasquim

Na quinta-feira, para fechar o painel de evidências, a CCEE (Câmara de Comercialização de Energia Elétrica) divulgou a lista de compradores e vendedores pré-qualificados do próximo leilão de energia nova para contratação da demanda de 2012, que será realizado amanhã. De acordo com a CCEE, a licitação contará com a participação de 19 usinas e 31 distribuidoras de energia. Na lista dos vendedores estão presentes 14 termelétricas e cinco hidrelétricas.

Entre as térmicas, estão qualificadas sete projetos a gás natural (Arau-

cária, Macaé Merchant, Paracambi, Paulínia, Resende, Santa Cruz e Termório), dois a carvão (MPX e Termomaranhão), dois a coque verde de petróleo (Suape I e II), dois a óleo combustível (Maracanaú e Usina Termelétrica Todos os Santos) e um a bagaço de cana-de-açúcar (Equipav). Já em relação às hidrelétricas, participarão Estreito, Foz do Chapecó, Funil, São Domingos e Serra do Facão.

Ao todo foram qualificados cerca de 9 mil megawatts. As cinco usinas hidrelétricas vão ofertar cerca de 2.400 megawatts. O

restante virá das termelétricas, movidas a gás natural, carvão e óleo combustível, mais caros e poluentes, para lembrar as palavras do diretor-geral da Aneel. Com um agravante, sete dos 14 projetos são baseados em gás natural, um mercado que a partir do ano que vem começa a ser atendido com as importações de Gás Natural Liquefeito (GNL) pela Petrobras, em função das restrições do gás boliviano.

Esse é o retrato do 5º leilão de energia nova que a CCEE vai promover esta semana em São Paulo. Mas esta é a tendência que acompanha os últimos leilões de energia. Em 2006, por exemplo, a Câmara de Comercialização promoveu o 4º leilão, sendo a totalidade da energia ofertada advinda de 12 termelétricas movidas a óleo combustível.

Não é à toa, portanto, a preocupação de alguns responsáveis pela condução da política do setor elétrico, como o diretor-geral da Aneel e o presidente da EPE, que são acompanhados por grandes consumidores, como a Vale do Rio Doce que decidiu participar da 9ª Rodada de Licitação da ANP. Seus estrategistas estão percebendo que a energia será, cada vez mais, um produto caro e mais escasso.

Energia fica mais cara e poluente. Setorial News, Mídia Online, 15.10.2007